



Escolinha da Biodiversidade: boas práticas de Educação Ambiental no Museu da Vila, Luís Correia, Piauí, Brasil

Rejane Fontenele de Sousa¹

Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5633-3849>

Áurea da Paz Pinheiro²

Universidade Federal do Piauí – UFPI

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2684-3036>

Resumo: Este artigo apresenta as ações desenvolvidas na Escolinha da Biodiversidade da Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba, projeto que compõe o Programa Educativo e Cultural do Museu da Vila, um museu de território, equipamento cultural de base comunitária numa vila-bairro de pescadores artesanais, Coqueiro da Praia. Objetivou-se contribuir com a construção de valores, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas à conservação do meio ambiente junto ao público participante. O delineamento metodológico adotado foi abordagem qualitativa, do tipo pesquisa-ação-participativa, com a realização de oficinas educativo-culturais sobre a educação ambiental e patrimonial, aliada às habilidades artístico-culturais de crianças de sete anos residentes no território em estudo. Constatou-se que a Educação Ambiental possibilita mudanças de atitudes, pois atua na sensibilização e na conscientização do cidadão, estimulando-o a participar dos processos coletivos.

Palavras-chave: Escolinha da Biodiversidade; Museu da Vila; Educação Ambiental.

Escuela de Biodiversidad: buenas prácticas en Educación Ambiental en el Museo de la Vila, Luís Correia, Piauí, Brasil

¹ Mestre em Artes, Patrimônio e Museologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI). E-mail: rejane_sousa@ufpi.edu.br

² Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. Pós-doutora em Ciências da Arte e do Patrimônio, Especialista em Museologia, Universidade de Lisboa, Portugal. Docente da Universidade Federal do Piauí. Professora Colaboradora no Mestrado em Museologia e Doutora em Belas-Artes na Universidade de Lisboa. E-mail: aureapinheiro@ufpi.edu.br

Resumen: Este artículo presenta las acciones desarrolladas en la Escuela de Biodiversidad del Área de Protección Ambiental Delta del Parnaíba, proyecto que integra el Programa Educativo y Cultural del Museu de la Vila, museo del territorio, equipamiento cultural de base comunitaria en una aldea-barrio de pescadores, Cocotero de la Playa. El objetivo fue contribuir a la construcción de valores, conocimientos, habilidades, actitudes y competencias encaminadas a la conservación del medio ambiente con el público participante. El diseño metodológico adoptado fue de enfoque cualitativo, del tipo investigación-acción-participativa, con talleres didáctico-culturales de educación ambiental y patrimonial, combinados con las habilidades artístico-culturales de niños de siete años residentes en el territorio de estudio. Se constató que la Educación Ambiental permite cambios de actitudes, ya que actúa en la sensibilización y concientización de los ciudadanos, incentivándolos a participar en procesos colectivos.

Palabras-clave: Escuela de Biodiversidad; Museo del Pueblo; Educación Ambiental.

BiodiversitySchool: goodpractices on Environmental Educational the Vila Museum, Luís Correia, Piauí, Brazil

Abstract: This paper presents the actions developed in the Ecolinha da Biodiversidade of the Delta do Parnaíba Environmental Protection Area, a project that makes up the Educational and Cultural Program of the Museu da Vila, a territory museum, community-based cultural equipment in a village-neighborhood of artisanal fishermen, Beach coconut. The objective was to contribute to the construction of values, knowledge, skills, attitudes and competences aimed at conserving the environment among the participating public. The methodological design adopted was a qualitative approach, of the participatory-action-research type, with educational-cultural workshops on environmental and heritage education, combined with the artistic-cultural skills of seven-year-old children living in the territory under study. It was found that Environmental Education enables changes in attitudes, as it works to raise citizens' awareness and awareness, encouraging them to participate in collective processes.

Keywords: Biodiversityschool; Vila Museum; Environmental education.

Introdução

A Escolinha da Biodiversidade da Área de Proteção Ambiental (APA) Delta do Parnaíba é um projeto que se apresenta como um contributo para o Programa Educativo e Cultural do Museu da Vila (MUV), um polo/núcleo do Ecomuseu Delta do Parnaíba (ECOMUDE), localizado em uma vila-bairro habitada por pescadores artesanais, Coqueiro da Praia, município de Luís Correia, no litoral do estado do Piauí. Nesse território está localizado o MUV, um tipo singular de museu de território, um equipamento cultural de base comunitária.

O MUV é uma idealização e concepção do Programa de Pós-Graduação em Artes, Patrimônio e Museologia (PPGAPM), da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDFPar), e da Associação de Moradores do Bairro Coqueiro (AMBC). Segundo Carvalho (2019, p. 96) “O primeiro equipamento cultural a formar a rede de museus de território do

EcomuseuDelta do Parnaíba (ECOMUDE) foi o Museu da Vila, igualmente, um museu escola, sede do Mestrado Profissional em Museologia”.

O imóvel que abriga a sede do MUV era de propriedade do Governo do Estado do Piauí. Foi cedido pela Lei Estadual nº 7.178, de 9 de janeiro de 2019, aprovada pela Assembleia Legislativa do Estado, através de um Contrato de Cessão do Imóvel à Universidade Federal do Piauí (UFPI) e Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr) para uso do PPGAPM, que com a comunidade instalou o MUV, em 1º de junho de 2018, oferecendo novo uso social ao prédio que abrigava o antigo Grupo Escolar Deputado João Pinto. A antiga escola estava há mais de sete anos em estado de abandono e degradação. O MUV (Figura 1) está localizado na esquina da rua Antonieta Reis Veloso com a Rua José Quirino, no bairro Coqueiro, Luís Correia, Piauí, um dos dez municípios que integram a APA Delta do Parnaíba. O espaço sedia ainda a AMBC.

Figura 1: Museu da Vila (MUV)



Fonte: Sarah Rocha (2021)

A APA Delta do Parnaíba (Figura 2) foi criada por decreto do governo federal do Brasil em agosto de 1996. Possui uma área de 307.590,51 hectares, inclui três Estados do Meio Norte, que são Piauí, Maranhão e Ceará e 10 municípios: Tutóia, Paulino Neves, Araiões e Água Doce, no Maranhão; Ilha Grande, Parnaíba, Luís Correia e Cajueiro da Praia, no Piauí; Chaval e Barroquinha, no Ceará.

Figura 2: Mapa APA Delta do Parnaíba

Fonte: Victor Veríssimo (2018)

Este artigo apresenta um recorte do trabalho final de Mestrado do PPGAPM, intitulado AÇÕES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLINHA DA BIODIVERSIDADE DO MUSEU DA VILA, LUÍS CORREIA, PIAUÍ, BRASIL. Esta pesquisa apresenta-se como qualitativa, do tipo pesquisa-ação-participativa e desenvolveu-se através de uma ação colaborativa de crianças de 7 (sete) anos e suas famílias que residem no território apresentado e compreendem parte do público escolar do 1º ano do Ensino Fundamental da Escola Prof.ª Carmosina Martins da Rocha, localizada no Coqueiro da Praia. As ações foram desenvolvidas com foco na Educação Ambiental, buscando sensibilizar a comunidade residente no território da pesquisa sobre o impacto do Lixo em suas vidas, bem como propor atividades de cunho educativo, ambiental, patrimonial, cultural e afins, assim como realizar a formação de agentes multiplicadores, transmitindo os conhecimentos e práticas adquiridos para familiares e comunidade.

Os objetivos propostos foram: Promover ações de educação ambiental no contexto do Programa Educativo e Cultural do Museu da Vila associadas ao Projeto Escolinha da Biodiversidade da APA Delta do Parnaíba; Realizar ações e atividades sobre educação patrimonial, ambiental, arte, cultura e seus impactos para a comunidade da Vila-bairro Coqueiro da Praia buscando sensibilizar e conscientizar a população sobre os problemas ambientais; Proporcionar à comunidade processos de construção de valores,

conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente; Fortalecer o protagonismo dos participantes junto à comunidade através da formação de agentes multiplicadores da Educação Ambiental para que possam contribuir de maneira ativa e permanente na disseminação de informações e práticas educativas sobre meio ambiente no território.

Educação Não Formal, Educação Patrimonial e Educação Ambiental: pressupostos norteadores da Escolinha da Biodiversidade

A Educação não formal caracteriza-se como qualquer atividade organizada fora do sistema formal de educação, tendo como pressuposto a formação para a cidadania e a aprendizagem, nesse caso, se dá por meio das práticas sociais. As práticas educativas desenvolvidas nos museus são um exemplo dessa Educação, pois possuem caráter não cumulativo e se realizam de forma rápida, durante as visitas, por exemplo. Outros espaços possíveis são as associações de bairro, os sindicatos, as organizações não-governamentais, os espaços culturais em geral.

Sobre a educação não formal e os museus, Carvalho e Lopes (2017, p. 14) afirmam que:

Refletir sobre a educação não formal inerente aos espaços museológicos requer reconhecer primariamente que a educação não escolar sempre existiu. Embora não definida sobre termos e/ou objetivos específicos, distintas formas de apreender o conhecimento construído e acumulado historicamente em diferentes sociedades coexistiram - saberes esses que os museus têm como missão selecionar, guardar, conservar, expor e comunicar.

O termo Educação Museal vem sendo usado para se referir ao conjunto de práticas e reflexões concernentes ao ato educativo e suas interfaces com o campo dos museus, tendo como objetivo a formação crítica e integral dos indivíduos, sua emancipação e atuação consciente na sociedade com o fim de transformá-la. Desvallées e Mairesse (2013, p. 38) definem Educação Museal como "... um conjunto de valores, de conceitos, de saberes e de práticas que têm como fim o desenvolvimento do visitante; [...] ela apoia-se notadamente sobre a pedagogia, o desenvolvimento, o florescimento e a aprendizagem de novos saberes".

A educação patrimonial apresenta-se como aliada na consecução desses objetivos, através da relação entre a ciência, a memória e o patrimônio cultural. Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2014), “a Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural”, assim esses processos educativos devem priorizar pelo conhecimento construído de forma coletiva, democrática e dialógica entre os agentes culturais e a comunidade, considerando que esta é detentora e produtora das referências culturais.

A Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, que dispõe sobre a educação ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental, apresenta em seu Art. 1º a Educação Ambiental como:

os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

Convém ressaltar que a presente lei afirma ainda que a educação ambiental deve estar presente no processo educativo, seja ele formal ou não formal. Assim, reafirma-se a relação de um dos objetivos fundamentais da educação ambiental com o propósito desta pesquisa, realizada em um museu, espaço de educação não formal, que buscará “o incentivo à participação individual e coletiva, permanente e responsável, na preservação do equilíbrio do meio ambiente, entendendo-se a defesa da qualidade ambiental como um valor inseparável do exercício da cidadania.” (Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, Art. 5º, IV).

Sabendo que “o Brasil é considerado um dos países com maior variedade de experiências em Educação Ambiental, com iniciativas originais que, muitas vezes, se associam a intervenções na realidade local.” (BRASIL, 1998, p. 181), buscamos com a Escolinha da Biodiversidade alcançar mudanças de comportamento pessoal, atitudes e valores de cidadania entre o público participante, que podem ter importantes consequências sociais naquele território onde residem.

O cenário global do mundo contemporâneo é marcado, desde março de 2020, por uma crise sanitária decorrente da pandemia da Covid-19, o que provoca impactos nas instituições e equipamentos culturais, incluindo os museus. E entendemos a necessidade de adotar medidas e estratégias para a continuidade das ações educativas e culturais do MUV, a

considerar a importância do espaço cultural para o território e seu importante papel de diálogo com a comunidade Vila-bairro Coqueiro da Praia. Dessa forma, a Escolinha da Biodiversidade tem suas atividades acontecendo duas vezes por semana, pela manhã, pois à tarde é o horário que as crianças estão em atividade escolar, de forma remota, devido à pandemia. Em todos os momentos de atividades é orientado aos participantes o uso de máscara e álcool em gel. Apresentamos as oficinas educativas desenvolvidas no período 2021/2022 de funcionamento da Escolinha:

1- Meu nome e o Meio Ambiente: roda de conversa e produção de desenhos e pinturas em papel. Esta atividade buscou o exercício do “enxergar-se a si mesmo como parte de um grupo”;

2- Meu Nome, Minha Identidade: produção criativa de crachás, com o objetivo de interagir e relacionar-se com o grupo, percebendo a si mesmo e ao outro, valorizando e reconhecendo igualdades e diferenças a partir das interações;

3- O Lixo e Meu Bairro: caminhada pelo bairro para reflexão sobre os problemas com o lixo (Figura 3), oficina criativa de Monotipia (com folhas secas de árvores), exibição de vídeos sobre o Meio Ambiente e a Coleta Seletiva, rodas de conversa sobre os vídeos, produção de desenhos. Essas atividades foram propostas como meio para promover reflexões sobre a poluição urbana e como isso pode interferir na qualidade de vida dos habitantes daquele território;

Figura 3: Caminhada pelo bairro



Fonte: Acervo pessoal (2021)

4- O Lixo na Praia: caminhada na orla da praia para limpeza (Figura 4), atividades recreativas, piquenique em família. A proposta buscou despertar a atenção para a questão do lixo e do consumo desenfreado, que afeta o meio ambiente e, conseqüentemente, o mar, a natureza, o território;

Figura 4: Limpeza da praia



Fonte: Acervo pessoal (2021)

5- Brincando e Aprendendo com o Lixo: confecção de jogos didáticos e brinquedos com materiais recicláveis (jogo de argolas, boliche, jogo da velha, jogo da memória e caixa para guardar as peças (Figura 5), matemática com rolinhos de papel higiênico (Figura 6), jogo de argolas, binóculo e bilboquê). A contribuição aos participantes vai desde o conhecer a importância, o respeito e a função das regras dos jogos, passando pelo estimular a brincadeira e criar estratégias até estimular o raciocínio lógico, além de sensibilizar sobre a reutilização de materiais que virariam lixo e podem ser reaproveitados;

Figura 5: Jogo da memória



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Figura 6: Matemática com rolinhos de papel higiênico



Fonte: Acervo pessoal (2021)

6- O Dado da Biodiversidade: produção a partir de desenhos produzidos pelas crianças sobre a realidade do bairro e o lixo, objetivando refletir sobre a importância da preservação do meio ambiente;

7- Contação de história: ilustração da história contada e bingo da biodiversidade para conhecer os elementos da fauna e da flora do ecossistema onde vivem;

8- Fanzines: produção de minilivros artesanais a partir de histórias contadas e ilustradas pelas crianças para contextualizar o Meio Ambiente, a Sustentabilidade, a Fauna e a Flora;

9- Cine Museu da Vila: exibição de curtas sobre o Meio Ambiente para as crianças e famílias na sala de cinema e sala de leitura, que compõe um anexo ao prédio onde já funciona o MUV. Este novo espaço intensifica as ações da Escolinha da Biodiversidade com atividades de leitura e cinema.

10- Contando a Nossa História: momentos de atividades de leitura sobre temáticas diversas envolvendo a proposta do projeto e elaboração coletiva da história “Uma vila-bairro chamada Coqueiro da Praia...” entre as crianças e a pesquisadora.

11- A sensibilização diária acontece antes do início das atividades e as crianças participam de momentos de recreação no jogo de tabuleiro Amarelinha da Pandemia na calçada do Museu da Vila (Figura 7) e também brincam com os jogos produzidos por eles nas oficinas.

Figura 7: Calçada do Museu da Vila (MUV)



Fonte: Acervo pessoal (2021)

12- A avaliação de cada oficina é realizada pelos participantes de cada dia através do Semáforo da Escolinha da Biodiversidade, um instrumento lúdico criado para esse meio, no qual é possível expressar o conceito de satisfação em relação às atividades daquele dia.

Metodologia

O presente estudo caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, do tipo pesquisa-ação, cuja definição, segundo Thiollent (2011, p. 20) é:

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e

no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

É importante citar que esta pesquisa se caracteriza como participativa, pois a participação das pessoas envolvidas nos problemas investigados é necessária.

O local de estudo foi a vila-bairro Coqueiro da Praia, território onde reside o público participante, pois segundo Minayo (1994, p. 54, grifo do autor) “Além do recorte espacial, em se tratando de pesquisa social, o lugar primordial é o ocupado pelas pessoas e grupos convivendo numa *dinâmica de interação social*”.

O público participante foi composto por sete crianças com idade de sete anos, que estudam no 1º ano do Ensino Fundamental da Unidade Escolar Profª Carmosina Martins da Rocha, no bairro Coqueiro da Praia, onde residem. A escolha desse público se justifica porque nessa idade há interesse pela aprendizagem em geral, facilitando a aquisição de novos conhecimentos a partir da participação dos mesmos nas atividades propostas durante a realização das oficinas e tarefas afins, além de ser um público que corresponde à idade dos participantes da primeira etapa do projeto da Escolinha da Biodiversidade em 2018 e 2019, que nessa época eram alunos da Creche Tia Neuza. A escolha de inclusão das famílias no projeto deve-se à importância de se valorizar as relações familiares no meio social, bem como estreitar os laços de afetividade através de atividades intergeracionais.

Sabendo da importância da adoção de cuidados essenciais como meio de proteção para a não contaminação pelo coronavírus, o distanciamento social é uma medida importante para evitar o contágio, bem como não promover situações que gerem aglomerações de pessoas. Junto disso, é importante a disciplina quanto ao uso de máscara e álcool em gel. Dessa forma, justifica-se o desenvolvimento das atividades da pesquisa-ação-participativa com apenas sete crianças por encontro.

Como instrumento metodológico e didático, mecanismo de alcance dos objetivos propostos para esta pesquisa-ação, foram realizadas rodas de conversa intergeracionais, com as crianças e suas famílias, com vistas ao estreitamento de laços familiares e disseminação de valores; bem como oficinas de educação ambiental e patrimonial com o tema principal “O Lixo e Meu Bairro”, nas quais as crianças foram protagonistas de várias atividades como: confecção de brinquedos e jogos educativos com materiais recicláveis,

coleta seletiva, caminhada pelo bairro, limpeza da orla da praia, produções educativo-culturais, dentre outras atividades.

Resultados e discussão

A Escolinha da Biodiversidade tem como um dos princípios norteadores a Educação Patrimonial e, ao desenvolver as atividades deste projeto, buscamos sempre disseminar para as crianças a importância da preservação do território onde residem, através de conhecimentos e habilidades para o cuidado com o meio ambiente. Neste sentido, o IPHAN (2014, p. 20) afirma que:

É imprescindível que toda ação educativa assegure a participação da comunidade na formulação, implementação e execução das atividades propostas. O que se almeja é a construção coletiva do conhecimento, identificando a comunidade como produtora de saberes que reconhece suas referências culturais inseridas em contextos de significados associados à memória social do local.

[...] as iniciativas educativas devem ser encaradas como um recurso fundamental para a valorização da diversidade cultural e para o fortalecimento da identidade local, fazendo uso de múltiplas estratégias e situações de aprendizagem construídas coletivamente.

Com vistas a contribuir efetivamente com o território em estudo, a presente pesquisa buscou desenvolver atividades que promovam uma educação para a crítica reflexiva perante as questões socioambientais, através da educação patrimonial, agregando valores junto ao público participante, de forma efetiva.

Reafirmamos assim a importância da Educação Patrimonial como “um papel decisivo no processo de valorização e preservação do patrimônio cultural”, pois sabemos que isso torna-se possível nos museus de território, a exemplo do MUV, a partir de “construções de relações efetivas com as comunidades, verdadeiras detentoras do patrimônio cultural.” (FLORÊNCIO, 2012, p. 24).

Outro princípio norteador da Escolinha da Biodiversidade é a Educação Ambiental. “Quando pensamos em educação ambiental, pensamos num processo permanente que pode acontecer em qualquer lugar: em casa, na rua, na escola, em áreas naturais protegidas...” (CRIVELLARO; MARTINEZ NETO; RACHE, 2001, p. 7). A pesquisa-ação aqui apresentada é desenvolvida no MUV, um espaço de educação não formal, numa área de proteção ambiental, mais precisamente numa comunidade praieira, habitada por

pescadores artesanais.

Sobre as possibilidades de Educação Ambiental e seus caminhos, Leff (2007, p. 19, tradução nossa) anuncia que:

Esse é o maior desafio da educação hoje: assumir o desafio, a responsabilidade e a tarefa de contribuir para esse processo de reconstrução, educando para que os novos homens e mulheres do mundo sejam capazes de assumir esse desafio de reencantamento de vida, o mundo e a existência. Esses são os caminhos abertos pela educação ambiental.

Os princípios educativos relacionados ao meio ambiente surgiram a partir dos anos 1970, articulando-se “como ação política de transformação dos valores e das atitudes dos sujeitos”, muito embora apenas “nos anos 1980 que a Educação Ambiental emergiria como um campo de saberes e práticas” e somente nos “anos 1990 como aqueles em que foram mais notáveis sua consolidação e crescente institucionalização no Brasil.” (REIGOTA, 2015, p. 27). Isso deve-se ao fato de que em 1992, no Rio de Janeiro, aconteceu a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, conhecida como Rio-92 ou Eco-92, considerada um marco do início da expansão da Educação Ambiental.

Sabe-se que o universo temático da Educação Ambiental é vasto e não daríamos conta de trabalhar sem delimitar um campo dentro dessa imensidão de área do conhecimento. Assim, com a conclusão do diagnóstico das famílias entrevistadas, percebeu-se a necessidade de priorizar a temática Lixo no bairro, pois há muitas insatisfações a respeito desse problema urbano e ambiental naquela comunidade, vila-bairro Coqueiro da Praia. Buscamos, assim, com as atividades propostas nas oficinas e ações desenvolvidas, que o público internalizasse à sua vida atitudes a partir do apelo das questões ambientais. Um exemplo pertinente foi a Oficina “Brincando e aprendendo com o Lixo”, na qual confeccionamos brinquedos com materiais recicláveis. Dessa forma, comungamos das ideias de Reigota (2015, p. 139), ao pontuar que:

Se existe algum consenso, hoje, sobre as questões ambientais e sobre o trabalho com educação ambiental é que não basta estarmos cientes ou conscientes do que é ou não adequado fazer. [...] é necessário construirmos espaços de convivência em atitudes tais como a solidariedade, a amorosidade, a cooperação, a participação, a responsabilidade, o cuidado, o reconhecimento do outro como legítimo outro na sua diferença.

Entendemos que a Escolinha da Biodiversidade se apresenta como uma prática de

educação ambiental não-formal e comunitária por se tratar de um projeto desenvolvido em uma vila-bairro destinado a um público específico, crianças, pautado na perspectiva de mudança de atitude em relação a um problema daquela comunidade, no caso o lixo. Nesse sentido, Sarria et al. (2018, p. 55, tradução nossa) confirma nosso entendimento quando explica que:

A educação ambiental comunitária, além de conhecimentos e atitudes, possibilita um pensamento crítico, reflexivo e criativo, bem como o desenvolvimento de habilidades como resolução de problemas, tomada de decisão, argumentação e metacognição, entre outros, não apenas diante de um problema ambiental, mas em relação ao meio ambiente em geral.

Ainda sobre o território em estudo, é importante apresentar o pensamento de Kassiadou (2018, p. 29) quando reconhece a relação da educação ambiental crítica com a realidade social de um lugar:

[...] compreende-se que a EA, na perspectiva crítica, tem o compromisso de trazer a dimensão da realidade local, a perspectiva pedagógica dos conflitos ambientais como estratégia de transformação da realidade local e a valorização dos saberes e fazeres das populações tradicionais que historicamente vivem em condições de vulnerabilização, invisibilidade, silenciamento e por vezes, criminalização [...]

No trabalho desenvolvido frente à Escolinha da Biodiversidade procuramos envolver as crianças e suas famílias na temática ambiental “O lixo”, procurando sempre a melhoria de qualidade de vida daquela comunidade, obtendo resultados positivos para o ambiente urbano. A exemplo da oficina “O Lixo na Praia”, na qual o público participante pôde vivenciar na prática a limpeza da praia e refletir sobre a importância do ambiente natural limpo.

Nas oficinas “O Dado da Biodiversidade”, “Contaçã de história”, “Produção de Fanzines” e “Contando a Nossa História” propomos aos participantes que produzissem materiais ou realizassem atividades orais a partir de exercícios de imaginação e reflexão de acordo com o tema do momento: o lixo no bairro, a poluição urbana, dentre outros. Com essas atividades ratificamos o que Freire (1986) nos apresenta sobre a educação libertadora, quando ele afirma que a criatividade precisa de liberdade, e é preciso criatividade para se aprender. No contexto apresentado, as crianças durante a realização dos trabalhos estavam livres para usarem a criatividade e aprenderem, internalizando, assim, os conhecimentos atinentes ao processo de participação naqueles momentos.

Ainda sobre a educação libertadora, Freire (1986, p. 27, grifo do autor) descreve que

nesse processo é:

[...] fundamentalmente, uma situação na qual *tanto* os professores como os alunos devem ser os que aprendem; devem ser os sujeitos cognitivos, apesar de serem diferentes. Este é, para mim, o primeiro teste da educação libertadora: que tanto os professores como os alunos sejam agentes críticos do ato de conhecer.

[...] o contexto da transformação não é só a sala de aula, mas encontra -se fora dela. Se o processo for libertador, os estudantes e os professores empreenderão uma transformação que inclui o contexto fora da sala de aula.

O caráter permanente da educação está presente nas situações vivenciadas durante as atividades da Escolinha da Biodiversidade, uma prática de educação ambiental não-formal, desenvolvida em um museu de território. É perceptível que, em todos os momentos de encontro com as crianças e suas famílias, eles eram desafiados a falar, pensar, imaginar, criar, desenhar, escrever, recontar etc., todas essas ações dialogam com o pensamento de Freire (1987) que quanto mais problematizamos os educandos, como seres no mundo e com o mundo, tanto mais eles se sentirão desafiados.

Nesse sentido ora apresentado, procuramos refletir sobre a educação e seu poder de transformação social com embasamento teórico nos autores citados. Percebemos que o diálogo, sempre presente nas ações desenvolvidas, corroboram com todo o processo para que a educação seja se fato praticada com vistas à emancipação e ao empoderamento. A intenção de colaborar com a comunidade da vila-bairro Coqueiro da Praia, a partir de todos os eventos propostos, foi ao encontro do que Freire (1987, p. 39) nos deixa como legado para refletir e praticar: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

Considerações finais

A função social de um museu e do MUV, em particular, está na atuação quanto à redução dos preconceitos, contra a desigualdade social, a favor da dignidade social, tornando-se, assim, lugar de interlocução comunitária. Nos dias atuais, a função da nova museologia está voltada para o desenvolvimento sociocultural da comunidade, buscando ser dinâmica, aberta, ativa e integral. Os museus de comunidade priorizam o diálogo, a mediação, despertando nas pessoas o interesse pelas questões de identidade, pertencimento e reconhecimento dos seus patrimônios cultural e natural. A troca de saberes

se constitui como princípio para a produção de inovação social, transformando cada membro da comunidade em cocriadores de uma nova realidade, contribuindo em um processo conjunto e contínuo de conhecimentos que implicará saídas para os desafios globais. Encontrar novas formas sustentáveis de bem estar coletivo, incluindo alimentação saudável, eficiência energética, uso adequado dos recursos naturais, bem como um sistema social inclusivo tornam-se imprescindíveis nesse novo contexto dos museus sociais.

Norteadas por essas premissas, a Escolinha da Biodiversidade foi pensada e instalada na vila-bairro Coqueiro da Praia visando contribuir localmente com aquela comunidade. Pois sabe-se que todos somos responsáveis pelo meio ambiente: o cidadão comum, o educador, os representantes do poder público, a sociedade como um todo, cada um conforme a função que ocupa. Portanto, seja qual for o nível de responsabilidade, a questão do lixo exige conhecimento, comprometimento e mudança de atitudes, uma vez que se tornou um problema ambiental, um fator de poluição que necessita de novas estratégias para solucioná-lo.

Referências

BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 137, n. 79, p. 1, 28 abr. 1999. PL 3792/1993. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm. Acesso em: 03 mar. 2022.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: meio ambiente. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Fundamental, 1998. 76 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/meioambiente.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2022.

CARVALHO, Cristina; LOPES, Thamis. Concepções, percursos, e desafios da educação não formal em museus no Brasil. *In*: SHIGUNOV NETO, Alexandre; FORTUNATO, Ivan; LÓPEZ, José Manuel Touriñán (org.). **Educação não formal e museus**: aspectos históricos, tendências e perspectivas São Paulo: Edições Hipótese, 2017, p. 14-25. Disponível em: http://dondestalaeducacion.com/files/3515/2696/8518/Libro_Ednoformal_y_museus_2017_Hipotesis_21may18.pdf. Acesso em: 01 mar. 2022.

CARVALHO, Rita de Cássia Moura. **POR ENTRE RIO E MAR**: Artes, Patrimônio e Museologia. 2019. Tese (Doutorado em Belas-Artes, especialidade de Ciências da Arte) – Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Portugal, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/39657>. Acesso em: 01 mar. 2022.

CRIVELLARO, Carla Valeria Leonini; MARTINEZ NETO, Ramiro; RACHE, Rita Patta. **Ondas que te quero mar: educação ambiental para comunidades costeiras.** Porto Alegre: Gestal, 2001.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (ed.). **Conceitos-chave de Museologia.** São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2013. Disponível em: http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf. Acesso em: 10 mar. 2022.

FLORÊNCIO, Sônia Regina Rampim. Educação Patrimonial: um processo de mediação. *In:* TOLENTINO, Átila Bezerra (org.). **Educação patrimonial: reflexões e práticas.** João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2012, p. 22-29. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducPatrimonialReflexoesEPraticas_ct1_m.pdf. Acesso em: 10 mar. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Pedagogia-do-Oprimido-Paulo-Freire.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2022.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos.** IPHAN, 2014. 62 p. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Educacao_Patrimonial.pdf. Acesso em: 16 mar. 2022.

KASSIADOU, Anne. Educação ambiental crítica e decolonial: reflexões a partir do pensamento decolonial latino-americano. *In:* KASSIADOU, Anne *et al.* (org.). **Educação Ambiental desde El Sur.** Macaé: NUPEM, 2018, p. 25-42. Disponível em: https://geasur.files.wordpress.com/2019/03/livro_geasur.pdf. Acesso em: 16 fev. 2022.

LEFF, Enrique. Complejidad, racionalidad ambiental y diálogo de saberes: hacia una pedagogía ambiental. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, UFPR, n. 16, p. 11-19, jul./dez. 2007. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/11901/8397>. Acesso em: 16 fev. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

REIGOTA, Marcos (org.). **Educação ambiental e práticas pedagógicas cotidianas.** São Paulo: Intermeios, 2015.

SARRIA, Jairo Andrés Velásquez. *et al.* La educación ambiental comunitaria: reflexiones, problemáticas y retos. *In:* KASSIADOU, Anne *et al.* (org.). **Educação Ambiental desde El Sur.** Macaé: NUPEM, 2018, p. 43-67. Disponível em: https://geasur.files.wordpress.com/2019/03/livro_geasur.pdf. Acesso em: 16 fev. 2022.

THIOLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

Submetido em: 27-07-2022

Publicado em: 18-08-2023